

MULHERES GORDAS NA PANDEMIA: GORDOFOBIA, (RE)EXISTÊNCIAS E ATIVISMO GORDO

Leila Cunha Raposo¹

Maria Luisa Jimenez²

Resumo: Discutimos as inter-relações entre gordofobia, (re)existências e ativismo gordo, no que concerne às experiências de mulheres gordas durante a pandemia do novo coronavírus, tendo por diretriz relatos públicos postados no perfil @malujimenez, no *Instagram*. Para tanto, importam também as nossas experiências como mulheres gordas, numa perspectiva autoetnográfica, em diálogo com o aporte teórico-crítico que evidencia o campo dos estudos do corpo gordo, o movimento decolonial, o ativismo gordo e o feminismo decolonial em diálogo com o feminismo gordo. Objetivamos, nesse sentido, discutir de que modo a pandemia do novo coronavírus evidenciou a gordofobia no Brasil, ao tempo em que a exacerbou, bem como de quais formas têm se dado a atuação do ativismo de mulheres gordas nesse processo de enfrentamento ao preconceito. Realizamos, nesse sentido, um estudo autoetnográfico, de base qualitativa e de revisão bibliográfica, pautado em relatos pessoais de mulheres gordas publicados no perfil @malujimenez– direcionado ao ativismo gordo, no *Instagram*. Observamos que, apesar da gordofobia ter se intensificado na pandemia, muitas mulheres gordas construíram ferramentas de subversão e (re)existência.

Palavras-chave: Gordofobia. Covid-19. Estudos do corpo gordo. Feminismo gordo.

Abstract: We discuss the interrelationships between fatphobia, (re)existences and fat activism, regarding the experiences of fat women during the new coronavirus pandemic, having as a guideline public reports posted on the profile @malujimenez, on Instagram. For that, our experiences as fat women are also important, in an autoethnographic perspective, in dialogue with the theoretical-critical contribution that highlights the field of fat body studies, the decolonial movement, fat activism and decolonial feminism in dialogue with feminism. fat. In this sense, we aim to discuss how the pandemic of the new coronavirus highlighted fatphobia in Brazil, at the time it exacerbated it, as well as in what ways the activism of fat women has taken place in this process of confronting prejudice. In this sense, we carried out an autoethnographic study, with a qualitative basis and bibliographic review, based on personal reports of fat women published on the profile @malujimenez– directed to fat activism, on Instagram. We observed that, despite the fact that fatphobia intensified in the pandemic, many fat women built tools of subversion and (re)existence.

Keywords: Fatphobia. Covid-19. Fat body studies. Fat feminism.

¹ Mulher, gorda e feminista. Um corpo decolonial em território de saberes e poderes colonizados. Pesquisadora, doutoranda (PPGL/UESC), mestra em Letras. Bolsista Fapesb (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), num país que desvaloriza a educação, a ciência e as artes. Tema de interesse: literatura e corpo gordo. Integrante do GpELLE - Grupo de Pesquisa Estudos em Línguas e Literaturas Estrangeiras (CNPq/UESC) e do Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre o Corpo Gordo – Pesquisa Gorda.

² Filósofa, Mestre e Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Artivista, defendeu a tese intitulada “Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos” que foi lançada como livro em 2020. Propõe uma FILOSOFIA GORDA, dentro de uma proposta de mudança de paradigma sobre corporalidades dissidentes, e revisão epistemológica sobre o discurso soberano de saúde, em uma perspectiva das corporalidades gordas.

Introdução

Ilhéus – BA, jun./2020: Positivei para a Covid-19. Sendo uma mulher gorda, logo me vi atravessada por inúmeros discursos e temores: “precisa se cuidar, pois você é gorda”, “ser gorda é fator de risco para a Covid”, “gordos morrem mais por Covid”, “pessoas gordas estão no grupo de risco, com maior letalidade quando têm Covid-19”. Essas foram apenas algumas das falas que chegaram até mim, mas o pior ainda estava por ocorrer. Num centro para atendimento a pacientes infectados pelo coronavírus, mesmo eu estando com um exame positivo em mãos, ao ser atendida por um médico, sem nem olhar meu exame, ele me disse: “Você não está com covid. Você é gorda, se tivesse, já teria morrido”. Tive Covid-19, sobrevivi sem precisar de internação e sou uma mulher gorda.

Chapada dos Guimarães – MT, jan./2021: Acordei me sentindo mal, dor no corpo, meus olhos incharam, a febre começou a aumentar e corremos para UPA, meu corpo tremia de frio e medo, porque na minha cabeça se repetia a fala de uma notícia de TV: “você é grupo de risco e vai morrer”. Ao mesmo tempo, lembrava que no hospital não tinha infraestrutura que acolhesse meu corpo se precisasse internar. Fui examinada e o médico disse que eu fizesse exames, mas que pelos sintomas parecia que eu estava contaminada pela COVID e com DENGUE. No dia seguinte, meu companheiro gordo apresentou os mesmos sintomas, nos enviaram a médica de cabeceira no PSF (Posto de Saúde da família) do meu bairro, a médica confirmou sem fazer nenhum exame: “- vocês estão com COVID e DENGUE, vou pedir alguns exames mas já vamos entrar com o KIT COVID porque vocês são grupo de risco: “obesos””.

Gastamos 420,00 na farmácia para dar conta de comprar a lista imensa de remédios e vitaminas para os dois, metade não usei. O laboratório só abriria na outra semana e, até lá e mais alguns dias para o exame ficar pronto, tomamos o tal do kit e meu fígado inflamou mais ainda do que já era esperado, pois quando estamos com DENGUE, ficamos muito mal. Não conseguíamos levantar da cama e, ao pegarmos os resultados, era DENGUE e não COVID, mesmo assim, a médica insistia que estávamos contaminados, e fez o exame rápido no meu companheiro, que mais uma vez deu negativo. Nunca mais quero ser atendida por essa médica na vida, acontece que ela é a médica que eu tenho à disposição no Posto de Saúde. Em maio de 2021, voltei no mesmo posto para pegar meu laudo de comorbidade ICM acima de 40, e quem me forneceu foi a

enfermeira, já o meu companheiro, que teve o cálculo do IMC de 39.9, não recebeu o laudo, mesmo tendo problemas respiratórios.

Os relatos que iniciam este texto são de experiências vivenciadas pelas pesquisadoras-autoras deste artigo. Ao termos vivido, literalmente, os efeitos decorrentes da gordofobia exacerbada pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, nos propusemos a discutir as inter-relações entre gordofobia, (re)existências e ativismo gordo, no tocante às experiências de mulheres gordas durante a pandemia do novo coronavírus.

Para tanto, nossa escrita traz as marcas de nossas experiências na condição de mulheres gordas, recorrendo à autoetnografia como condutora desta análise, em paralelo a discussões teórico-críticas que evidenciam o campo dos estudos transdisciplinares do corpo gordo, o movimento decolonial, o ativismo gordo e o feminismo decolonial em diálogo com o feminismo gordo. Objetivamos, nesse sentido, discutir de que modo a pandemia do novo coronavírus evidenciou a gordofobia no Brasil, ao tempo em que a exacerbou, bem como a atuação do ativismo de mulheres gordas nesse processo de enfrentamento ao preconceito.

No intuito de atendermos ao objetivo proposto, realizamos um estudo autoetnográfico, de base qualitativa e de revisão bibliográfica, pautado também em relatos pessoais de mulheres gordas publicados no perfil @malujimenez_ – direcionado ao ativismo gordo, no *Instagram*. Contudo, em nossa discussão, optamos por não evidenciar as autoras dessas narrativas a fim de não revelarmos a identidade das internautas, ainda que os comentários estejam livremente disponíveis na internet, dado que o referido perfil é público.

Em razão da abordagem pretendida, este artigo está dividido em cinco seções, a contar com a presente introdução. Iniciamos com a apresentação e motivação do texto, bem como narrativas autorais de experiências vivenciadas pelas autoras; em seguida, discutimos a gordofobia no contexto da pandemia do novo coronavírus; posteriormente, nossa atenção se volta de forma mais contundente às narrativas de mulheres gordas e suas experiências na pandemia; a partir daí, temos como foco de análise o ativismo gordo e a (re)existência em meio ao contexto em que vivemos; e apresentamos nossas considerações finais acerca da temática, desvendando que apesar da gordofobia ter se intensificado na pandemia, muitas mulheres gordas construíram ferramentas de subversão e resistência.

Gordofobia: estigmatização na pandemia

Em fevereiro de 2020, foi identificado no Brasil o primeiro caso confirmado de Covid-19 e, em março, na cidade de São Paulo, ocorreu o primeiro óbito confirmado no país em decorrência dessa doença (EBC, 2021). No mesmo período, países de todo o mundo já sofriam com a expansão do SARS-Cov-19, após o epicentro da pandemia ter se iniciado em Wuhan, na China. A situação no Brasil se agravou cada vez mais, visto que não houve uma efetiva articulação política de enfrentamento ao coronavírus por parte do Governo Federal, ficando a cargo dos estados e municípios a aplicação de políticas de mitigação da pandemia. Frente a uma atuação irregular e desgovernada, a transmissão do vírus ocorreu (e ainda ocorre) de forma descontrolada no país, fazendo surgir novas variantes e, infelizmente, no início de julho de 2021, já se somam mais de 500 mil vítimas fatais no Brasil em decorrência da Covid-19. Além disso, a vacinação da população acontece a passos muito lentos e medidas mais severas, como o *lockdown*, nunca foram efetivamente implantadas em todo o país. Ao contrário, foram sempre desincentivadas pelo Governo Federal.

Estados e municípios, ao longo do tempo, recorreram às medidas indicadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, dentre elas o distanciamento social, como forma de prevenção à Covid-19. Isso significou, na prática, que as pessoas que puderam, passaram a ficar mais tempo em casa, cumprindo o distanciamento social, a partir do trabalho remoto e do fechamento de escolas, universidades e outras instituições/empresas. Contudo, em quase dois anos de pandemia no Brasil, o cenário é desolador. Falta vacina, não há um pacto federativo em torno de ações conjuntas para frear a contaminação pelo novo coronavírus e novas cepas desse vírus estão se desenvolvendo no país, com maior letalidade (a exemplo da variante P.1 e da P.2).

Conforme análise de Fidel Forato (2021, s.p.),

No Brasil, de acordo com o levantamento feito em março, são observadas, em ordem crescente, as seguintes variantes/linhagens do coronavírus: B.1.1.29; B.1.1.28; B.1.1.33; P.1 (derivada da B.1.1.28 e conhecida como a variante de Manaus); e P.2 (derivada da B.1.1.28 e conhecida como a variante do Rio de Janeiro). Mais recentemente, foi identificada a variante N9, encontrada originalmente em São Paulo e derivada da linhagem B.1.1.33.

Conjuntamente a essas linhagens desenvolvidas aqui no país, ainda enfrentamos a variante do Reino Unido e a da Índia, sendo esta identificada mais recentemente no Brasil. A importação dessas variantes ocorre, principalmente, porque não há, de forma geral, um

controle de passageiros que entram em nosso território, tal como ocorre em outros países, que, por exemplo, restringiram a entrada de brasileiros. Todo esse cenário levou a um total de 18.420.598 de casos confirmados no Brasil, até a data de 27 de junho de 2021, segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS (2021). Para esse órgão, a partir de estudos científicos realizados, a taxa de letalidade está em 2,8%, a de mortalidade em 244,3 (100 mil hab.) e somam-se 513.474 óbitos por Covid-19 no Brasil até o momento (CONASS, 2021). Infelizmente, há muitas chances de que esses números sofram grandes alterações, chegando a previsões de que, em agosto, se nada for feito, alcançaremos a marca de 750 mil mortos no país por essa doença.³

Como se já não bastasse esse cenário amedrontador e caótico que se estabeleceu no país desde o início da pandemia, incluindo aí toda a crise econômica e política que tem assolado o Brasil, esse quadro se tornou ainda pior para as pessoas gordas. Ao mesmo tempo em que a pandemia se desenvolvia descontroladamente e a crise aumentava, foram evidenciados nas mídias sociais quais eram os grupos de risco para a Covid-19, sendo majoritariamente indicados os idosos, pessoas com comorbidades e, inseridas nesse escopo, as pessoas gordas.⁴ Além disso, dado o distanciamento social e o fechamento temporário de academias e outros locais para práticas de atividades físicas, houve uma associação entre estar em casa e engordar. Isso desencadeou uma série de discursos e memes gordofóbicos, os quais atingiam (e atingem) diretamente às pessoas gordas.

Duas outras faces da gordofobia também se destacaram nesse contexto: a gordofobia médica, a exemplo dos nossos relatos pessoais que apresentamos no início deste texto, e a gordofobia demonstrada no momento em que pessoas gordas puderam começar a se vacinar contra a Covid-19. Isso porque foram inúmeros os discursos dizendo que essas pessoas não deveriam se vacinar, ainda que a todo o tempo elas tivessem sido expostas como grupo de risco na iminência de morrer caso fossem contaminadas pelo coronavírus. Esse tipo de atitude – a inserção no grupo de risco, os memes, o pavor de engordar, o descaso médico e a revolta e discurso de ódio sobre a vacinação para pessoas gordas – reitera o quanto a gordofobia é um preconceito estrutural na sociedade.

³ Essas previsões foram realizadas em um estudo feito por cientistas americanos e brasileiros, estando mais informações disponíveis em: <https://abre.ai/cKDK>. Acesso em: 11 jun. 2021.

⁴ Frente ao atual estágio do momento pandêmico, sabemos que há grande circularidade de fatores e, na atualidade, as vítimas da Covid-19 já abarcam todos os grupos sociais, incluindo, sobremaneira, aqueles que inicialmente foram vistos como intocáveis – “magros, jovens e saudáveis”.

Pessoas obesas deveriam ir cuidar da sua saúde e não ficar passando a fila de gente que precisa da vacina de verdade. Vocês obesos se deixam a chegar neste estado deplorável, mas quando tem prioridade quer passar na frente das outras pessoas, eu sou muito contra e por mim vocês seriam os últimos da fila, pra ver se aprendem e começam a tomar vergonha na cara. (VERA, 2021).⁵

Como o próprio nome indica, a gordofobia pode ser entendida como a aversão, o preconceito direcionado a quem é gorda(o), somente em função do corpo que essa pessoa apresenta. Todavia, vai muito além de uma questão unicamente estética e gera inúmeros impeditivos sociais para quem é gorda(o). Ensinada social e culturalmente, sendo chancelada a partir de um discurso biomédico, farmacológico e estético que patologiza pessoas gordas, a gordofobia se apresenta enraizada na sociedade brasileira, a partir de todo um processo de colonização vivenciado no Brasil. Para Malu Jimenez, pesquisadora do campo dos estudos gordos no Brasil,

A gordofobia é uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea. Esse prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensas e restrições aos corpos gordos de modo geral. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 2-3).

Conforme analisado pela autora, esse preconceito estigmatiza as pessoas gordas e as marginaliza, colocando-as em espaços de subjugação e condenação social – tanto por sofrerem a estigmatização da sociedade quanto pela culpabilização que recai sobre elas por serem gordas. Nesse sentido, são culpadas por não emagrecerem e condenadas como se ser uma pessoa gorda fosse algo errado e/ou perigoso. Essa “sentença”, por sua vez, recai em um aporte de suposta preocupação com a pessoa gorda, tendo o corpo magro como ideal de saúde e de beleza.

Agnes Arruda (2019, p. 32, grifo da autora), doutora em comunicação, analisa que a “[...] questão da *gordofobia* não está de fato no corpo da pessoa considerada gorda, mas sim nas pessoas que se incomodam com a imagem desse corpo a partir de um *bios midiático*, que incentiva esse preconceito e discriminação.”. Por *bios midiático*, pautada em Muniz Sodré, a autora entende a ambiência, a realidade discursiva das mídias de comunicação, as quais direcionam características do viver. Arruda (2019) defende que esse *bios midiático*, direcionado também pelo capital, é responsável pelo apagamento, pelo rechaço e pela invisibilização de quem é gorda(o) nos meios de comunicação, incidindo em discursos que são transpostos à realidade concreta da sociedade.

⁵ Pessoa enviou essa mensagem no *inbox* do perfil mencionado no começo do texto. O nome que utilizamos é fictício para preservar a privacidade do internauta.

Destacamos, nesse sentido, o papel das mídias na exacerbação e evidência da gordofobia durante esse momento pandêmico. Desde o âmbito informativo – tido como verdade irrefutável por se apoiar num discurso biomédico patologizante – ao contexto de memes e falas de celebridades, os canais midiáticos tiveram um papel fundamental na evidência de discursos gordofóbicos, o que já ocorre há muito tempo e que tem sido ainda mais evidenciado na atualidade. No início da pandemia no Brasil, canais de TV aberta, com grande alcance populacional, dedicaram parte da sua programação a discutir a pandemia e todos os dias, ao apresentarem sua programação, destacavam que as pessoas gordas, inseridas como obesas no grupo de comorbidades, estavam no grupo de risco para a Covid-19.

Ademais desses aspectos, há igualmente um discurso de autorresponsabilização das próprias pessoas consideradas grupo de risco, como se elas, as pessoas gordas, fossem responsáveis por serem do tamanho que são, como se fosse uma escolha. Por sua vez, a culpabilização e o julgamento moral acontecem, além de tirar a responsabilidade do Estado pela falta de vacinação no país.

De acordo com o *Plano nacional de operacionalização da vacinação contra a Covid-19* (BRASIL, 2021), já em sua sétima versão, algumas das comorbidades tidas como grupo prioritário para a imunização são: Diabetes mellitus; Pneumopatias crônicas graves (como, por exemplo, doença pulmonar obstrutiva crônica e asma grave); Hipertensão Arterial Resistente (HAR); Hipertensão arterial estágio 3; Hipertensão arterial estágios 1 e 2 com lesão em órgão-alvo e/ou comorbidade; Doenças cardiovasculares (a exemplo de Insuficiência cardíaca, Cardiopatia hipertensiva, Miocardiopatias e Pericardiopatias); Doenças neurológicas crônicas (como acidente vascular cerebral isquêmico ou hemorrágico, demência vascular, paralisia cerebral, doenças hereditárias e degenerativas do sistema nervoso ou muscular, dentre outras); Doença renal crônica; Imunocomprometidos (a exemplo de indivíduos transplantados de órgão sólido ou de medula óssea; pessoas vivendo com HIV, pacientes oncológicos, dentre outras); Doença falciforme e talassemia maior; Obesidade mórbida Índice de massa corpórea (IMC) ≥ 40 ; Síndrome de Down; e Cirrose hepática.⁶

⁶ Para mais informações sobre o grupo de comorbidades e demais detalhes da vacinação, consultar o *Plano nacional de operacionalização da vacinação contra a Covid-19* (BRASIL, 2021), elaborado pelo Ministério da Saúde do Brasil.

Podemos observar, nesse sentido, que a “obesidade mórbida”⁷ foi inserida no grupo de comorbidades a partir do cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) quando, em realidade, esse é um modo de patologizar pessoas gordas, inserindo-as numa condição doentia somente em razão do cálculo do peso corporal. Já é sabido em muitas pesquisas que o cálculo do IMC deixa a desejar quando trabalha com cálculos que separam pessoas em doentes e saudáveis. (MATTOS, 2012; POULAIN, 2013; JIMENEZ-JIMENEZ, 2020).

Entendemos, nesse sentido, que ser uma pessoa gorda não é uma predestinação à morte, como anunciado de forma a aterroizar. A preocupação para quem é gorda(o) se dá, sobretudo, por não ter material adequado ao seu tratamento – o que inclui desde a ausência de estruturas físicas que atendam às necessidades de quem é gorda(o) à inexistência de um atendimento médico humanizado, com macas e aparelhos que suportem nossos corpos, por exemplo.

A veiculação de notícias sensacionalistas que reverberam o risco de morte para pessoas gordas acentuou de forma grave a gordofobia, produzindo discursos que diziam, até mesmo, que a vacina não funcionaria para esse grupo populacional, conforme noticiado pelo IG Saúde (2020). De acordo com a reportagem, Raiz Shaik, professor de nutrição da Universidade da Carolina do Norte, afirmou que muito provavelmente não houvesse eficácia da vacina em quem é gorda(o): “[...] ‘Teremos uma vacina para a Covid-19 no próximo ano adaptada para obesos? De jeito nenhum’. A vacina vai funcionar em obesos? ‘Nossa previsão é que não.’, afirmou Shaik ao canal norte-americano [CNN].” (IG SAÚDE, 2021).

Esse discurso patologizante também acentuou na sociedade um dos modos mais graves da gordofobia, que é o terror de engordar. Uma atriz brasileira, Luana Piovani, no início da pandemia, gravou vídeos em seus *stories* do *Instagram* dizendo aos seus seguidores: "Estou comendo feito uma draga. Vocês também? Estou comendo horrores". Em seguida, Piovani fez uma *piada* nos *stories* dizendo que conversou com as amigas que, do jeito que as pessoas estavam, cada uma terminaria a quarentena bêbada, fumante ou gorda.⁸ Nesse caso, podemos observar que a atriz associa o estar/ser gorda ao alcoolismo e ao tabagismo, vícios que causam dependência química e morte.

⁷ Escolhemos usar sempre usar a linguagem com palavras como gordos, gordura, do que obesidade que é uma linguagem que patologiza pessoas gordas.

⁸ O vídeo da atriz foi disponibilizado em seu perfil oficial no *Instagram* (@luapio), nos *stories* (publicação que fica disponível por 24h), e repercutido em reportagem online da *Revista Quem*: “Luana Piovani fala

É possível entendermos que, para a atriz, que é magra, engordar também seria algo doentio, ligado ao descontrole alimentar e ao vício em comer comidas gordurosas e/ou doces, vistas como não saudáveis. Um exemplo de como essa é uma visão socialmente aceita é o fato de que, por vezes, o sujeito magro vai a um *fast-food*, por exemplo, e posta fotos acompanhadas de legendas como “dia de gordice” ou “momento gordice”. Além de reforçar a gordofobia, pela associação de que aquele é o tipo de comida consumida por pessoas gordas, quem é magra(o) não tem as mesmas críticas que uma pessoa gorda recebe ao postar, por exemplo, foto de qualquer tipo de comida, seja vista como “saudável”, seja como uma comida mais calórica. Entra em ação, nesse sentido, tanto o controle dos corpos quanto uma perspectiva do que entendemos como sociedade lipofóbica.

O sociólogo francês Claude Fischler (1995), pesquisador interdisciplinar sobre alimentação e nutrição, criou esse termo para descrever nossa preocupação absurda com a magreza. Isto é, em uma sociedade lipofóbica, na qual ser magro significa possuir um grande capital de poder, aceitação e aprovação, ser o contrário, gordo, é ser desvalorizado, desaprovado e excluído socialmente.

[...] o que devia nos livrar do peso das obrigações sociais criou o fardo ainda mais pesado dos fracassos repetidos e da solidão. Vivemos menos a insuportável leveza do ser do que o peso da solidão do ser. A vitória da revolução da leveza é em meios-tons e seu balanço ambíguo: se a leveza-mobilidade ganhou, o mesmo não ocorre com a leveza interior. (LIPOVETSKY, 2016, p. 248).

Conforme os estudos de Patrícia Nechar (2018), o processo de estigmatização do corpo gordo ganha evidência sobretudo a partir das décadas de 1920 e 1930, acentuando-se também a ideia do pânico de engordar e colocando esse tipo de corpo como inimigo a ser combatido. Para a pesquisadora:

[...] [os discursos contra o corpo gordo] Corromperam questões culturais e psicológicas, que se infiltraram nas relações das pessoas e acabaram sendo alvo de opiniões divergentes, de referências éticas e morais até que conseguiram transformar a gordura de um modo extremo ‘em um mal universal’. O gordo passa a ser uma ameaça estética e vital à sociedade se tornando o doente do século XX. A busca em combater a gordura torna-se o principal objetivo de vários setores da saúde (médicos, nutricionistas, treinadores físicos, etc.) além de pesquisadores, da sociedade e, principalmente, das pessoas. O mal da gordura cai no senso comum. (NECHAR, 2018, p. 5).

sobre quarentena por coronavírus: ‘comendo horrores’”. A matéria está disponível em: <https://abre.ai/cRCV>. Acesso em 12 jun. 2021.

Além de ter como aporte os discursos científicos e biomédicos, para além do senso comum, a gordofobia também é acentuada pelos discursos humorísticos que, reiteradamente, marginalizam, ridicularizam e ofendem aos corpos gordos. E, em se tratando do Brasil, a situação torna-se ainda mais agravante, visto que o atual presidente do país, Jair Bolsonaro, também manifesta discursos gordofóbicos, como quando disse que uma pessoa gorda não serve nem de alimento para ursos, pois deve ter o corpo apodrecido (RAPOSO, 2020). Falas como essa do presidente chancelam e autorizam a reprodução de um viés gordofóbico ofensivo que violenta às corporalidades gordas. Esses discursos não apenas se acentuaram e se exacerbaram durante a pandemia, como atingiram diretamente às mulheres gordas, conforme discutiremos de modo mais específico no próximo tópico.

Mulheres gordas na pandemia

Iniciamos este texto com relatos particulares, nos quais evidenciamos, a partir de uma proposta autoetnográfica, experiências relacionadas à gordofobia médica na pandemia. Ao falarmos em autoetnografia, nos referimos à metodologia de estudo que entrecruza experiências pessoais aos objetos pesquisados, considerando, nesse percurso científico, as vivências particulares como significativas para sentidos coletivos, conforme evidenciam Jimenez-Jimenez (2020); Arruda (2019) e Calva (2019). A experiência de escrita autoetnográfica, nesse sentido, busca transformar a dor em partilha que denuncia e recria sentidos para a vida de mulheres gordas, as quais sofrem maior incidência da gordofobia, segundo assevera Constanza Castillo (2014).

Em nosso caso, com as devidas particularidades suscitadas por cada situação experienciada, somos mulheres gordas que fomos vítimas da violência originada pela gordofobia médica – episódio infelizmente ainda muito comum para quem é gorda, mas não menos doloroso. Julgadas, nessa perspectiva, apenas pelo corpo gordo que apresentamos, tendo por origem a gordofobia biomédica, baseada no cálculo do IMC, que é uma base de análise equivocada e insuficiente, visto que busca analisar única e exclusivamente o peso corporal. Por esse viés, corpos gordos são sumariamente patologizados, rechaçados e humilhados.

Importa ainda lembrar que as pessoas gordas sofrem a gordofobia desde muito cedo, nas suas infâncias; e continuam na adolescência e reverberam, na fase adulta e na velhice, as consequenciais de sofrimentos, dores e traumas por sofrerem a gordofobia

desde muito cedo e em espaços que deveriam ser seguros, como a família, escola, consultório médico, etc. Isso faz com que esses indivíduos sofram a vida toda por terem um corpo patologizado socialmente, apoiado por discursos soberanos de saúde, midiáticos, educacionais.

Na pandemia de coronavírus, frente às muitas violências que mulheres gordas sofreram, buscamos analisar, por meio do perfil @autora,com aproximadamente 12.000 seguidores no *Instagram*, relatos de gordas que sofreram gordofobia nesse contexto pandêmico. Em razão de preservarmos a identidade das internautas que comentaram na postagem “Você já sofreu gordofobia na pandemia por ser gorda?”⁹, optamos por identificá-las com os códigos M1, M2 e assim sucessivamente. É importante ainda elucidarmos que havia a informação na postagem, realizada no dia 09 de abril de 2021, que os relatos ali feitos poderiam ser utilizados para a composição de um artigo sobre essa temática. Obtivemos 62 comentários realizados na publicação, dentre os quais selecionamos seis, mantendo nos textos a grafia utilizada pelas seguidoras, a começar pelo relato de M1:

Eu estava com dores nas costas e chamei o médico na tela, a bonita que me atendeu perguntou meu peso e eu respondi, ela falou ‘e você acha que sua coluna vai aguentar um peso desses até quando?’ Eu fiquei desconcertada e falei ‘não sei só sei que eu sou paciente aqui a médica é você’. Mas fiz uma ressonância e minha coluna está em perfeito estado, surpreendendo o médico que me atendeu na ocasião. (M1, 2021).

O caso relatado por M1 exemplifica justamente o julgamento que acontece com mulheres gordas, que antes de terem sua saúde avaliada de forma correta e investigativa (como seria o procedimento normal), são sobremaneira condenadas por seu peso corporal. Nesse caso, a médica atribuiu as dores nas costas ao peso da paciente, ainda que soubesse que a dor poderia ser causada por diversos fatores. Essa postura, inclusive, negligencia a saúde de mulheres gordas e se torna, até mesmo, um impeditivo para o acesso à saúde, como podemos observar no relato de M2:

Eu sofri gordofobia durante a pandemia, que não estava relacionada a pandemia. Eu tenho um mioma de 10cm que está ocupando no meu útero o volume equivalente a uma gravidez de 5 meses. Procurando um médico pra fazer a cirurgia de remoção fui no consultório de um ginecologista gordofóbico. Ele pediu pra eu deitar na maca pra me examinar, começou a sessão de horror. Ele apertava meu mioma (é uma bola bem dura da pra sentir com os dedos) e dizia ‘esse aqui é o seu mioma’ depois pegava na minha barriga ‘isso aqui é gordura, você é gorda’ e fez isso várias vezes mesmo eu gritando de dor porque dói demais apertar o mioma. Quando eu sai do

⁹ Essa postagem é pública e está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNdhI8dHkU6/>. Acesso em 10 mai. 2021.

consultório e cheguei em casa eu vi que estava com sangramento, o escape durou uns 2 dias e ainda não consegui operar por que na saga de achar médico e fazer exames os leitos de hospitais ultrapassaram 90%. Todo dia eu acordo com uma bola comprimindo os meus órgãos, fazendo xixi de 2 em 2 segundos, cheia de dores (como se fosse grávida). (M2, 2021).

Podemos compreender que, além da violência física e psicológica sofrida diretamente pela paciente, há ainda um complicador na história: a busca por médicos não gordofóbicos. M2 tinha um mioma e, à época, não havia ainda operado porque foi violentada pelo médico que a atendeu e, por ter tido que reiniciar sua busca por um profissional da saúde que a considerasse como pessoa, que a tratasse de forma humanizada, continuou com o problema de saúde, dada a alta de casos de internação nas Unidades de Tratamento Intensivo – UTIs, o que suspendeu a realização de cirurgias eletivas naquele período. Vemos, então, que a paciente, de forma inicial, ao invés de ser acolhida e tratada de forma humana pelo médico, foi violentada, exposta por ser gorda e ele a apertava desconsiderando o fato de que aquilo gerava dor na paciente. Esse tipo de comportamento médico é também responsável pelo fato de muitas mulheres gordas não buscarem tratamento para problemas de saúde, prevenção, pois sabem que todos os outros aspectos serão negligenciados em favor de uma só recomendação: emagreça!

As mulheres gordas se deparam, assim, com a existência de um pré-julgamento moralista, dentro de um discurso de controle sobre os corpos gordos, como controle histórico, pautado na cis-heteronormatividade. Tal controle é baseado na visão biomédica da dualidade normal e patológico, apesar de transcender essas áreas e ressoar em todos os aspectos sociais, pessoais e profissionais da vida de mulheres gordas.

No relato de M3 (2021), ela diz: “sofri gordofobia ontem no grupo da minha família e isso me afetou bastante.”. Apesar de a internauta não especificar de que modo manifestaram gordofobia contra ela, sabemos que é muito comum também que as famílias exerçam esse papel de primeiro grupo social de controle sobre os corpos das mulheres, como é possível percebermos também no relato de M4 (2021): “eu moro com minha família, convivo com meu pai e minha avó que são extremamente gordofóbicos.”. De modo geral, esse controle exercido pelas famílias em relação ao corpo feminino se concretiza com inúmeras doses de machismo, sexismo e gordofobia.

Essas violências, sejam médicas, familiares ou no âmbito profissional, podem contribuir para o aumento ou agravamento de problemas socioemocionais em mulheres gordas, que, por sua vez, podem gerar ainda mais transtornos e sofrimentos em razão da gordofobia a que são expostas. Situações assim foram descritas por M5 e M6:

Por causa do estresse do novo panorama a qual fomos submetidos (eu sempre fui uma pessoa que saía muito de casa) e com a sobrecarga de trabalho em home-office (sou professora), adquiri 15 quilos e tive crises de hipertensão. Marquei uma consulta com um Cardiologista, que prescreveu uma bateria de exames: Laboratório, Mapa, Teste Ergométrico, Ecocardiograma... Segundo ele, o aumento da pressão arterial estava condicionado à obesidade. O resultado de todos os exames foram considerados normais. Larguei o Cardiologista, que nada mais fez e ainda falou para mim que Obeso é um 'doente' que não tem mais jeito e procurei fazer umas sessões de Terapia Online, que me ajudaram mais a lidar com os impactos da Pandemia. (M5, 2021).

Passei mais ou menos isso com o dermatologista, meu cabelo estava caindo muito por estresse, mas ele deve ter passado uns 40 minutos basicamente me chamando de gorda que o tratamento era mais complicado por causa da minha obesidade. Cobrou 400 conto, ou seja eu ainda paguei pra isso. (M6, 2021).

A partir dos relatos de M5 e M6 podemos compreender que até mesmo a saúde mental de mulheres gordas é desconsiderada em favor de uma única regra: emagreça. Todos e quaisquer outros fatores são desconsiderados, atribuindo ao peso corporal o atributo de único e irremediável complicador da vida de uma mulher gorda. Essa é uma perspectiva expressamente gordofóbica, estigmatizante e que mostra uma visão colonizadora que se reitera cotidianamente através de um suposto ideal de beleza, saúde e normalidade, em que se constitui com corpos magros (e brancos e heterossexuais). Percebemos, assim, que a gordofobia é uma violência entrecruzada a questões raciais, sexuais e de gênero, corporificando um entrecruzamento de corporalidades dissidentes. No entanto, o reconhecimento dessas dissidências e sua assunção, numa postura que envolve uma tônica decolonial (LUGONES, 2014), tem se constituído em um panorama de resistência e enfrentamento a essas violências (CASTILLO, 2014), especialmente em se tratando da gordofobia e do ativismo gordo nas redes sociais.

Ativismo gordo e (re)existências na pandemia

O ativismo gordo no Brasil surge, sobretudo, nas redes sociais como uma emergência, uma resposta que urge ser dada e fortificada, frente às inúmeras violências a que o corpo gordo é exposto. Sendo as mulheres em sua maioria as que são vítimas da gordofobia, é também a partir delas que esse ativismo se corporifica nas redes e que tem se constituído como um movimento que transita em via de mão dupla entre as redes e a realidade social.

De acordo com Valéria Flores, no prólogo de *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista*. a escrita de mulheres gordas tem se constituído como um movimento importante, visto que

Esses ensaios de um feminismo gordo, antikapitalista e antiespecista são uma encenação do corpo e cada articulação de significado paga por aquela famosa e polissêmica rubrica que marca a cena somática como um campo de batalha. Mas aqui não falamos de qualquer corpo, é um corpo gordo, [...], que imprime toda uma singularidade à letra que incorpora cada texto. Politizar a ferida, tornar visível a cicatriz, narrar a dor e transformá-la em prazer, ultrapassar os limites, são algumas das táticas escriturais e experienciais que percorrem essas palavras de peso. (FLORES, 2014, p. 11, tradução nossa).¹⁰

Essa escrita, por sua vez, tem assumido as múltiplas identidades gordas e, assim, vem engendrando um espaço de resistência à gordofobia, formando redes de gordoridade que atingem cada vez mais pessoas e conformam o feminismo gordo. Mediante a uma avalanche de gordofobia na pandemia, tanto no que cabe à colocação das pessoas gordas como grupo de risco, como os memes, a mídia e o discurso médico, em seguida com o questionamento do direito à vacinação desse grupo, vimos surgir com força o ativismo em rede e trabalhando para atender, divulgar e discutir sobre essa violência.

Com a mesma força que o estigma se fortaleceu, o ativismo gordo também se colocou nas redes, informando e questionando mais uma vez a patologização das corporalidades gordas no país. Começamos a observar inúmeros textos, *lives*, artigos científicos, grupos de conversa, *posts*, campanhas e mutirões online e presenciais no atendimento às pessoas gordas. Nesse sentido, veicula-se a informação de outro ponto de vista sobre os corpos gordos. Também observamos que a discussão em torno dessa temática, bem como o termo gordofobia, apareceu nas redes e mídia com mais frequência do que antes da pandemia. O debate, apesar de polêmico, entrou em pauta.

O legado da ideologia colonial, intimamente associado à dominação capitalista e patriarcal sobre os corpos, raça e gênero é tão pesado que, nos espaços do Sul, os subalternos oprimidos não têm o direito à voz, a exprimir os seus saberes e a falar das suas realidades e experiências, dores e sofrimentos. Ou se contam, estes saberes mantêm-se como referentes locais, dotados de um valor particular, útil apenas para o contexto que o produz. Como consequência da repressão e da marginalização de outros conhecimentos para além da racionalidade científica, gera-se uma 'ignorância sancionada' (SPIVAK, 1985: 6), possível apenas num contexto social onde aqueles que têm o privilégio de

¹⁰ Texto-fonte: “Estos ensayos desde un feminismo gordo, antikapitalista y antiespecista son una puesta en escena del cuerpo y cada articulación de sentido abona aquella célebre y polisémica rúbrica que marca el escenario somático como campo de batalla. Pero aquí no se habla de cualquier cuerpo, es un cuerpo gordo [...], que le imprimen toda una singularidad a la letra que descarna cada texto. Politizar la herida, visibilizar la cicatriz, narrar el dolor y transformarlo en placer, correr los límites, son algunas de las tácticas escriturales y experienciales que recorren estas palabras de peso.” (FLORES, 2014, p. 11).

beneficiar de uma visão hegemônica de mundo protegem estes privilégios e as estruturas de saber e de poder que os sancionam, rejeitando e desqualificando outras cosmovisões (ou epistemes). (MENESES; BIDAISECA, 2018, p. 12).

Nossa proposta é um rompimento de paradigma, no que se refere a saberes que violentam pessoas gordas por classificarem esses corpos como abjetos, doentes e incapazes de serem responsáveis por suas próprias vidas e histórias, queixas, etc.

A proposta de (re)existir do feminismo gordo tem reverberação direta em uma nova maneira de reconstruir nossas vidas e descolonizar, despatriarcalizar nossos corpos, saberes, desejos e modos de estar e se relacionar, socialmente e intimamente, com o mundo e conosco. É uma questão de reconhecer que, da maneira que vivíamos/vivemos, já não era/é mais possível, ou seja, odiando-nos, seguindo as normas e tentando reconstruir um corpo que insistia/insiste em ser gordo e rebelde às regras estabelecidas - até nos encontrarmos com nossos e outros corpos gordos de outra forma, quando a desconstrução do que é um corpo belo, saudável e aceito na sociedade foi/é colocada em embate político. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020b, p. 159).

Entendemos, nesse sentido, que o Ativismo Gordo como (re)existência parte de uma proposta, de um novo entendimento sobre as corporalidades gordas, sem que seja a patologização, que sustenta a estigmatização que exclui as pessoas gordas do acesso a direitos básicos, como por exemplo de um atendimento digno e humanizado na saúde. Dessa forma, tanto o Ativismo Gordo, como o Feminismo Gordo e o Movimento Decolonial se aproximam, considerando as experiências de mulheres gordas que fazem de suas vivências modos de (re)existências na sociedade.

Considerações finais

Propomos, neste texto, a reflexão sobre como nossa sociedade vem “tratando” as pessoas gordas, mas principalmente para como estamos entendendo o “cuidado” dessas corporeidades e, mais além, como as mulheres gordas têm sido atingidas diretamente pela gordofobia. Importa, nesse sentido, observarmos também o que têm dito essas mulheres e quais os modos que elas têm utilizado para construir um Ativismo Gordo, a partir da expressão de suas vozes de resistência.

O estigma da gordofobia está em todos os lugares e é, muitas vezes, disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate. Sustentada por discursos de poder, de saúde e beleza como geradores de exclusão, existem comportamentos diários que reforçam o preconceito/estigma em relação às pessoas gordas, corroborando os estereótipos que estabelecem situações degradantes,

constrangedoras, marginalizando as pessoas e as excluindo socialmente. Esses comportamentos acontecem na família, na escola, no trabalho, nas mídias, nos hospitais e consultórios, na balada, no transporte, nas praias, nas academias, nas piscinas, nas redes sociais, na internet, etc. Enfim, nos espaços públicos e privados (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020a).

Em meio à pandemia de coronavírus, a gordofobia foi ainda mais amplificada, sobretudo com base nas vias que evidenciamos neste estudo, conforme analisamos anteriormente: a inserção das pessoas gordas no grupo de risco, os memes/discurso humorístico, o pavor de engordar, o descaso médico e a revolta e discurso de ódio sobre a vacinação para pessoas gordas. A partir dos relatos analisados, foi possível percebermos que a gordofobia envolve às mulheres gordas em todos os contextos de suas vidas, desde os espaços íntimos, como o seio familiar, àquilo que lhes é assegurado pela Carta Magna do Brasil, desde 1988: o direito à saúde.

Dessa maneira, é urgente e necessário uma revisão dessa injustiça epistemológica que patologiza os corpos gordos e exclui nossos direitos a viver como pessoas no mundo. É preciso pesquisas que denunciem essas violências, já que muitas pessoas gordas adoecem, sofrem e chegam inclusive a morrer por consequência do estigma. Reiteramos, portanto, a importância do Ativismo Gordo, que se constitui não apenas como um espaço de fala e resistência para as mulheres gordas, mas especialmente de (re)existência. Isso porque é através do reconhecimento e da atuação de outras mulheres gordas que aquelas que as acompanham também podem se fortalecer e ampliar nichos de vozes que, cada vez mais alto, bradem contra a gordofobia e em favor de uma sociedade mais democrática e inclusiva para as corporalidades dissidentes.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Agnes de Souza. *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade*. 2019. 116 p. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Paulista – UNIP. São Paulo – SP, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano nacional de operacionalização da vacinação contra a Covid-19*. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. 7 ed. Brasília – DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/cRBJ>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CALVA, Silvia M. Bérnard (Org). *Autoetnografia: Una metodología cualitativa*. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019

- CASTILLO, constanzx alvarez. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista*. Valparaíso, Trío Editorial: 2014.
- CONASS. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. *Painel Conass: Covid-19*. Conass, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/cWt9>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- EBC. Empresa Brasileira de Comunicações. Agência Brasil. Primeiro caso de Covid-19 no Brasil completa um ano. *Agência Brasil*. 26 fev. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/cKEu>. Acesso em: 21 mai. 2021.
- FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.
- FLORES, Valéria. Prólogo. In: CASTILLO, constanzx alvarez. *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista y antiespecista*. Valparaíso, Trío Editorial: 2014. p. 10-15.
- FORATO, Fidel. Quais são as principais variantes do coronavírus no Brasil? *Canal Tech: ciência e saúde*, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/cKD1>. Acesso em 21 mai. 2021.
- IG SAÚDE. Vacina contra Covid-19 pode não funcionar em pessoas obesas. *IG Saúde*. 07 ago. 2020. Disponível em: <https://abre.ai/cRBo>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Revista Epistemologias do Sul*, UNILA, v.4, 2020b.
- JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 237 p. 2020. Tese [Doutorado]. Faculdade de Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2020a.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. São Paulo: Manoele, 2016.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Trad. Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, set.-dez./2014, p. 935-952.
- MATTOS, Rafael. *Sobrevivendo ao estigma da gordura*. São Paulo: Vetor, 2012.
- MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina. Introdução: As Epistemologias do Sul como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas. In: *Epistemologias do Sul*. Buenos Aires: CLACSO/Coimbra: CES, novembro de 2018. pPp 11-24.
- NECHAR, Patrícia Assuf. Diversidade de Corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento Plus Size. In: *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville – SC, 2018. Anais eletrônicos. Joinville – SC: Intercom, 2018. p. 1-15. Disponível em: <https://abre.ai/cRBB>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.
- RAPOSO, Leila Cunha. Antigordofobia em perspectiva decolonial. *Observatório das resistências plurais*. 17 nov. 2020. Disponível em: <https://abre.ai/cRBI>. Acesso em: 12 jun. 2021.